

NOTAS PARA ALGUMAS AULAS SOBRE SÓCRATES

Índice Geral

I. INTRODUÇÃO.

II. O QUE É A INTELIGÊNCIA.

III. A LIBERDADE DA VERDADE.



I. INTRODUÇÃO.

Índice

1. OBJETIVO DESTAS NOTAS.



II. O QUE É A INTELIGÊNCIA.

Índice

1. O Argumento de Zenão.

2. Resposta de Sócrates: texto do Diálogo "Parmênides" de Platão.

3. Anotações diversas.

4. Texto de Santo Agostinho, do oitavo livro De Trinitate.

5. Outros exemplos de inteligência tomada neste sentido.

6. Texto extraído de uma biografia do Cura d'Ars.

7. Questão 40 do Comentário de Hugo de São Vitor à Epístola aos Romanos.

8. O testemunho do primeiro capítulo do Gênesis.

9. Extratos do Sermão nº 61 de Hugo de S. Vitor, sobre a narrativa da criação em seis dias.

10. Consideração sobre Metafísica.

11. Atitude comum das pessoas.



III. A LIBERDADE DA VERDADE.

Índice

[1. Encontro entre Sócrates e um estudioso das fisionomias.](#)

[2. Notas e observações.](#)

[3. Conseqüências.](#)

[4. O Evangelho de São João.](#)

[5. Isaías capítulo 50.](#)

[6. Isaías, capítulo 55.](#)





NOTAS PARA ALGUMAS AULAS SOBRE SÓCRATES

I. INTRODUÇÃO.

1. OBJETIVO DESTAS NOTAS.

Deseja-se comentar sobre três fatos da vida de Sócrates para ilustrar a natureza da vida da inteligência. O primeiro é um diálogo entre o ainda jovem Sócrates e o filósofo Zenão de Eléia quando de uma visita deste último a Atenas, o segundo o encontro entre Sócrates e um estudioso de fisionomias e o terceiro um episódio ocorrido durante a Guerra do Peloponeso.





II. O QUE É A INTELIGÊNCIA.

1. O Argumento de Zenão.

Na época em que nasceu Sócrates havia duas tradições gerais na filosofia grega, aquela que se desenvolveu na Anatólia, a oriente da atual Grécia, iniciada por Tales de Mileto, e aquela desenvolvida a ocidente da Grécia, principalmente nas colônias gregas da península itálica, iniciada por Pitágoras, sob a forma de escolas de filosofia. O primeiro filósofo que chegou a Atenas foi Anaxágoras, preceptor de Péricles, vindo do oriente. Mais tarde, passaram por Atenas Parmênides e Zenão, vindos da Itália, alunos de membros das escolas pitagóricas.

A doutrina de Parmênides, que ele costumava demonstrar apenas por argumentos gerais e abstratos, dizia que não existia na realidade senão um único ser, simples, indivisível e imutável, e que toda a multiplicidade e vir a ser observada no cosmos era apenas uma ilusão. Zenão desenvolveu copiosa lista de argumentos menos abstratos que procuravam demonstrar, por redução ao absurdo, a impossibilidade da existência do movimento e da multiplicidade no cosmos.

Um dos argumentos de Zenão contra a multiplicidade dos seres é o seguinte: se existem muitos seres, o seu número terá que ser finito ou infinito, porque nada pode ser ao mesmo tempo finito e infinito. É fácil, porém, ver que a quantidade de seres existentes no cosmos terá que ser finita em seu número, porque os seres que existem não podem ser nem mais nem menos do que o número que são. Porém, ao mesmo tempo, o número das coisas existentes tem que ser infinito, porque a existência de cada coisa a que denominamos uma unidade e que contamos como sendo um ser individual é, na realidade, não um, mas um número infinito de seres, porque cada uma das coisas existentes pode ser dividida em duas, e cada uma destas duas em outras duas e assim por diante, até o infinito. Daqui se conclui que, se não admitimos que existe na realidade apenas um único ser indivisível e que toda a multiplicidade que vemos no cosmos é apenas uma ilusão, somos obrigados a afirmar que o número dos entes que existem é ao mesmo tempo finito e

infinito. O que é impossível. Portanto, a multiplicidade dos seres não existe e é apenas ilusão dos sentidos.

A reação dos atenienses diante deste e de muitos outros argumentos desenvolvidos por estes filósofos foi entusiástica, não porque aceitassem a doutrina que eles continham, mas pelo fascínio que esta técnica de argumentação propiciava ao cenário político da democracia ateniense, onde quem falasse mais convincentemente em público curvaria a votação da maioria do povo a seu favor. E se havia pessoas que possuíam técnicas de tornar verossímeis teses até aquele momento inteiramente impensáveis pelo comum dos homens, quem dominasse esta técnica seria detentor de um importante trunfo na condução do destino político ateniense. Daí surgiu pouco tempo depois uma corrente filosófica decadente característica do ambiente ateniense a que se denominou de sofista.





2. Resposta de Sócrates: texto do Diálogo "Parmênides" de Platão.

Um garoto, porém, reagiu de forma completamente diversa ante os argumentos de Parmênides e Zenão. Era Sócrates, que ao ouvir estes argumentos captou as implicações mais profundas que nele estavam envolvidas. No diálogo denominado Parmênides, Platão descreve assim uma conversa entre o jovem Sócrates e os anciãos Parmênides e Zenão:

**"O
problema
de seu
argumento",**

diz Sócrates a Zenão,

**"é que não
há nada de
estranho em
que cada
ente seja ao
mesmo
tempo um e
muitos. Só a
pura idéia
abstrata de
unidade é
que é
perfeitamente
una. Os
demais
entes
participam
desta
unidade
perfeita. Isto
é, eles
possuem
uma parte da**

***perfeição da
unidade que
a idéia de
unidade
possui por
inteiro. Se
eles
possuem
apenas uma
parte da
perfeição
que está
contida na
idéia de
unidade, é
porque eles
não são
perfeitamente
unos. Cada
ente tem que
ser, desta
maneira, uno
sob certos
aspectos e
muitos sob
outros
aspectos".***

Este diálogo, foi, assim, a primeira vez na história em que surgiu o conceito de participação, freqüentissimamente utilizado por Santo Tomás de Aquino. Participação significa possuir em parte aquilo que outro possui plenamente; o ser das criaturas é uma participação do ser de Deus, a graça é uma participação da natureza divina, e uma obra de arte participa da contemplação do belo que se realiza de modo pleno na mente do artista. Impressiona aqui, porém, a lucidez de um garoto em perceber que é a possibilidade da unidade e do próprio ser de serem possuídos por participação que explica os aparentes paradoxos de Zenão.

"Agora",

continuou Sócrates,

"eu ficaria admirado e realmente perplexo se você pudesse me provar não que os entes, que apenas participam da idéia de unidade, são ao mesmo tempo um e muitos, mas que a própria idéia da unidade possui ao mesmo tempo unidade e multiplicidade, ou que a própria idéia da multiplicidade possui ao mesmo tempo multiplicidade e unidade. Se você puder me provar que o absolutamente um são muitos, e que o absolutamente múltiplo é um, isto me

**espantaria. Eu
ficaria deveras
surprêso em
ouvir que as
próprias idéias
de cada coisa
possuem
qualidades
opostas, mas
não se uma
pessoa quiser
me provar que
eu, Sócrates,
sou ao mesmo
tempo um e
muitos. Porque
eu, Sócrates,
de fato, sob
certos
aspectos sou
muitos, pois
tenho dois
braços, e não
um, e tenho
cabeça, tronco
e membros,
órgãos
diversos e
partes
diferentes do
corpo, que são
muitas.
Portanto, eu
não posso
negar que eu
participo da
idéia de
multiplicidade.
Mas só a idéia
de
multiplicidade
é totalmente
múltipla sem**

**unidade
alguma; desta
perfeição da
multiplicidade
que ela tem, eu
tenho apenas
uma
participação.
Mas, por outro
lado, eu
também sou
um, porque
aqui estão sete
pessoas e eu
sou apenas
uma. Portanto,
eu não posso
negar que
participo
também da
unidade
perfeita que há
na idéia de
unidade. Mas
só a idéia da
unidade é
totalmente una
sem
multiplicidade
alguma. Os
objetos
visíveis
possuem
apenas uma
parte desta
unidade que só
se realiza
perfeitamente
na idéia da
unidade. Só na
idéia da
unidade temos
uma unidade**

***pura, completa,
total, sem
mistura com
multiplicidade
alguma.***

***Assim, quando
uma pessoa
mostra que tais
coisas como a
madeira, as
pedras e
outras, sendo
muitas, são
também uma
só, eu admito
que ele está
mostrando a
coexistência
do uno e do
múltiplo, mas
ele não está
mostrando que
esta
multiplicidade
é a unidade e a
unidade é a
multiplicidade.
Este apenas
está mostrando
que estes
entes
participam
imperfeitamente
da verdadeira
unidade e da
verdadeira
multiplicidade,
e ele não está
com isto
mostrando um
paradoxo, mas
uma verdade***

evidente.

***Eu novamente
lhe repito,
Zenão, que eu
ficaria perplexo
se você
pudesse me
mostrar que
alguém
conseguiu
encontrar nas
próprias idéias
da unidade e
da
multiplicidade,
nestas idéias
que são
apreendidas
pela mente,
estas mesmas
características
que você diz
encontrar nos
objetos
visíveis".***

Este fato da vida de Sócrates e uma parte do seu diálogo com Zenão de Eléia e Parmênides foi reproduzido para ilustrar o que se denomina inteligência no seu sentido mais próprio:

**A
inteligência
no seu
sentido
próprio,
é a
capacidade
de
apreender
a verdade.**





3. Anotações diversas.

Na vida corrente das pessoas os atributos fundamentais da inteligência costumam ser tomados de outro modo bastante diverso. As pessoas costumam supor que a inteligência é, por exemplo:

A capacidade de repetir em uma prova o que se disse em sala de aula ou se leu em um livro. Este é, admita-se explicitamente ou não, a suposição por trás do sistema de avaliação da maioria das escolas. Mas esta capacidade não define inteligência no que ela tem de essencial.

A capacidade de fazer cálculos ou projetos complexos rapidamente e com precisão. Se isto fosse inteligência, um computador teria ou poderia vir a ter num futuro muito próximo uma inteligência extraordinária, quando na realidade a inteligência de tais dispositivos é exatamente nula.

A capacidade de desembaraçar-se em situações difíceis, de organizar e dirigir uma empresa, de falar em público com erudição e eloquência, o possuir uma memória prodigiosa capaz de evocar fatos e dados rapidamente em respostas prontas e bem colocadas, o saber tirar proveito de qualquer situação em benefício próprio.

Inteligência, porém, é a faculdade ou a capacidade de perceber clara e limpidamente a verdade com evidência, aquela evidência que, quando experimentada, os homens espontaneamente tendem a compará-la com a luz.





4. Texto de Santo Agostinho, do oitavo livro De Trinitate.

Na obra De Trinitate S. Agostinho empreende um trabalho de introspecção para, através do conhecimento da alma humana, tentar obter algum vislumbre da realidade da Trindade. Vamos nos reportar aqui apenas a algumas observações contidas nesta obra relacionadas com o tema da natureza da inteligência.

No livro VIII do De Trinitate Agostinho diz que é muito difícil para as pessoas entenderem como é possível que na Trindade o Pai e o Filho juntos não sejam maiores do que o Espírito Santo, se ambos isoladamente são iguais a ele. A doutrina da Santíssima Trindade diz que em Deus há uma só natureza e três pessoas. O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus; todavia não são três deuses, mas sim um só Deus, e que duas das três pessoas divinas juntas não são maiores do que uma só. Achamos isto impossível porque ao pensar nestas coisas nossa imaginação representa entidades corporais; em vez disso, deveríamos perceber que Deus é verdade, e se conseguirmos apreender o que é verdade, os enunciados sobre a Trindade começariam a se tornar mais plausíveis. Agostinho porém quer nos fazer perceber que quando ele nos fala de apreender a verdade não está se referindo ao apreender o enunciado da verdade, mas a evidência dela, justamente aquilo pelo qual ela se nos manifesta como verdade. Deus é verdade assim entendida, tornada pessoa e multiplicada ao infinito, e neste sentido, diz ele, Deus também é luz. E é aquela faculdade que nos torna capazes de apreender isto que se chama inteligência.

***"Na
Santíssima
Trindade",***

diz Santo Agostinho,

**"duas ou três
pessoas não
são maiores do
que uma delas,
afirmação
ininteligível
para a nossa
experiência
carnal que
somente
compreende as
realidades
criadas. Mas
na essência da
verdade, que é
Deus, ser
maior equivale
a ser mais
verdadeiro. Por
consequente,
onde a
grandeza é a
mesma
verdade, o Pai
e o Filho juntos
não superam
em verdade o
Pai e o Filho
sozinhos; logo
os dois juntos
não são
maiores do que
um só deles
em particular.
Nos corpos é
possível que
este ouro e
aquele outro
ouro sejam
igualmente
verdadeiros, e
um ainda
assim ser**

**maior do que o
outro, porque
neste caso não
é a mesma
coisa a
magnitude e a
verdade. O
mesmo
acontece com
a alma
humana, onde
a grandeza do
espírito não se
mede pela
verdade da
alma; e a
essência do
ouro ou da
alma humana
não é a
essência da
verdade, como
ocorre com a
Santíssima
Trindade, um
só Deus,
grande,
verdadeiro,
veraz e
verdade.**

**Se, porém,
tentarmos
pensar nestas
coisas, o
quanto nos é
permitido e
nos é
concedido, não
pensemos em
nenhum
contato no
espaço e em**

***lugares, como
se as pessoas
da Trindade
fossem três
corpos. Temos
que afastar de
nosso espírito
qualquer
imagem onde
três sejam
maiores do que
um e um
menor do que
dois, isto é,
temos que nos
desfazer em
nossa
representação
de todo
elemento
corpóreo. Deus
não é o céu,
nem a terra,
nem algo
semelhante ao
céu ou à terra,
nem algo
parecido ao
que vemos no
céu.***

***Aumenta em
tua imaginação
milhares de
vezes, se te for
possível, a luz
do Sol, em
volume e em
claridade
resplandecente:
nem ainda isto
seria Deus.***

**Imagina os
anjos, espíritos
puros,
reunidos todos
em um só ser,
e seu número,
milhares de
milhares. Nem
sequer ainda
isto seria
Deus, e mesmo
ainda
imaginando
tais espíritos
sem formas
corporais,
coisa muito
difícil para o
pensamento
carnal.**

**Então veja, se
podes, ó alma
humana,
sobrecarregada
de um corpo
corruptível e
esgotada com
tantos e tantos
pensamentos
terrenos;
compreende,
alma, se
podes, em que
sentido Deus é
verdade. Está
escrito, na
carta de São
João:**

"Deus é luz".

Mas não creias

**que é esta luz
que
contemplamos
com os olhos,
mas aquela luz
que o coração
intui quando
ouve dizer:**

**"Deus é
verdade".**

**Permanece, se
puderes,
naquela
claridade
inicial deste
rápido fulgor
da verdade,
naquela
serenidade que
brilhou num
primeiro
instante na tua
alma quando
ouviste a
palavra
verdade. Se
isto, porém,
não te for
possível,
voltarás a cair
nos
pensamentos
terrenos que
em ti são
habituais. E
qual é o peso
que te arrasta,
ó alma, desde
esta altura,
senão a
viscosidade de**

***teus sórdidos
desejos e os
erros de tua
peregrinação?"***





5. Outros exemplos de inteligência tomada neste sentido.

**O diálogo
entre Zenão e
Sócrates.**

**A busca do
entendimento
de Deus
empreendida
pelo menino
Tomás de
Aquino.**

**A busca do
jovem
estudante
João da Cruz
pelo
significado da
contemplação.**

**A atitude de
Santo Antão
ao ouvir os
sermões, em
dois
domingos
sucessivos,
sobre o
jovem rico e
sobre os
lírios do
campo.**

**Esta capacidade de apreensão da verdade é, na realidade,
comum a todos os santos, tanto os que se dedicaram ao estudo
como os que não se distinguiram por eles.**

A conversão dos santos, principalmente quando eles passaram a empenhar-se mais decididamente na busca da santidade, não foi nunca fruto apenas da vontade, mas é proveniente da vontade acompanhada de uma luz, sem a qual eles não perseverariam no empreendimento iniciado e facilmente se ludibriariam na decisão tomada.

O uso da inteligência, entendido neste sentido, costuma ser acompanhado de uma intervenção da graça. Lembrar que entre os sete dons do Espírito Santo enumera-se o dom de inteligência.





6. Texto extraído de uma biografia do Cura d'Ars.

No livro "O Cura d'Ars - São João Batista Maria Vianney", de Francis Trochu, cap. 13, lemos o seguinte:

**"Um
sacerdote
instruído,
meu amigo,
contava o
Padre Cirilo
Faivre,
missionário
de S.
Cláudio,
assegurou-
me que,
tendo
recorrido ao
P. Vianney
para
resolver um
caso de
teologia dos
mais
complicados,
não pode
sair do
pasma ante
a facilidade
com que o
servo de
Deus lhe
deu a
solução
exata. A
chave deste
enigma no-
la deu o
próprio Cura
d'Ars**

***quando
depois disse
em seu
catecismo:***

***'Os que são
guiados
pelo Espírito
Santo têm
idéias
exatas. Eis
porque há
tantos
ignorantes
que vêm
mais longe
do que os
sábios''.***

Este exemplo manifesta que este dom é comum a todas as formas de santidade, e necessário inclusive para se poder alcançá-la. A afirmação do Cura D'Ars não pareceria nada de extraordinário teria se tivesse partido de S. Tomás de Aquino, mas torna-se notável sendo citada como proveniente de alguém que passou para a história com a fama de ser o exemplo da incapacidade de estudar e de um reduzido quociente de inteligência. S. João Vianney viveu na França logo após a revolução francesa, não conseguia aprender as declinações do Latim nem reproduzir os casos das aulas de Moral por mais esforço que empregasse. Ordenado padre, apenas por consideração à incomum piedade que manifestava, foi enviado a uma aldeia minúscula do interior da França onde seus superiores pensavam que nada de errado se pudesse fazer que tivesse conseqüências muito sérias, mas mesmo assim foi proibido durante algum tempo de ouvir as confissões de seus próprios aldeões. No entanto, quando começou a pregar, a França passou a peregrinar àquela aldeia para ouvir o cura; e quando começou a confessar, muitas carruagens tiveram que ser estabelecidas regularmente para conduzir a Ars os peregrinos dos lugares mais distantes que desejavam confessar-se com ele. A afirmação do Cura, segundo o biógrafo Trochu a chave do seu enigma, de que "os que são guiados pelo Espírito

Santo têm idéias exatas", na realidade, objetivamente falando, nada possui de notável. Notável seria se o Cura d'Ars tivesse declarado o contrário. Mas elas são notáveis subjetivamente, em relação a nós, por não conhecermos estas coisas e nos admirarmos que tais testemunhos sejam comuns a todos os santos.

Aqueles que examinaram os sermões do Cura d'Ars procurando o que havia neles que atraía multidões de toda a França e causando as conversões mais espetaculares e impossíveis relatam que nada encontraram nestes textos que não pudesse ter sido encontrado nos sermões comuns aos padres do interior da França daquela época. Onde está então a inteligência do Cura d'Ars, se perguntam eles, neste caso? Esta objeção significa apenas que o Cura d'Ars não tinha cabedal especial de conhecimentos teológicos, não tinha habilidade ao escolher as palavras ou dispor as frases segundo leis de retórica que ele não conseguia memorizar ou obedecer. Nada disto, porém, é a inteligência ou o dom da inteligência. O Cura d'Ars não sabia combinar as palavras mas tinha uma apreensão claríssima da verdade; com isto, porém, possuía algo muito mais valioso para quem havia sido incumbido da missão de ensinar.





7. Questão 40 do Comentário de Hugo de São Vitor à Epístola aos Romanos.

**"Na
investigação
da
verdade",**

pergunta Hugo de S. Vitor,

**"a
razão
natural
pode
alguma
coisa
sem a
ajuda
da
graça?"**

**"Dizem
alguns",**

responde ele,

**"que a razão
natural
muito pode
por si
mesma, sem
necessidade
da graça,
como é
evidente nos
filósofos
gregos, que
confiando**

**apenas na
razão
conseguiram
tanta coisa
não apenas
no que se
refere à
compreensão
da verdade
sobre as
criaturas,
mas também
no que se
refere ao
Criador. De
fato, eles
descobriram
que Deus
existe e que
é uno, e
vislumbraram
também algo
sobre a sua
trindade.
Porém, deve-
se dizer
melhor que
não parece
ser possível
que
tivessem
chegado a
tanto se não
contassem
com o
auxílio da
graça. Por
isso é que
no primeiro
capítulo da
Epístola aos
Romanos,
quando São**

Paulo diz:

**'O que de
Deus é
conhecido é-
lhes
manifesto',**

**logo em
seguida
acrescenta:**

**'Deus, de
fato, lhos
manifestou'."**





8. O testemunho do primeiro capítulo do Gênesis.

**"No
princípio
criou
Deus
o céu e
a terra".**

Assim se iniciam as Sagradas Escrituras. O verbo que elas aqui utilizam é o hebraico BARÁH (criou), que é empregado de modo próprio para designar a criação dos entes a partir do nada por parte de Deus. Mas a própria Sagrada Escritura volta a utilizar este termo no Salmo 50 quando Davi, após ter cometido adultério e homicídio, pede perdão a Deus dizendo:

**"Cria
em
mim, ó
Deus,
um
coração
puro,
e
renova
em
mim
um
espírito
reto".**

**Salmo
50,
12**

A criação dos entes a partir do nada e a regeneração do homem pela graça são designadas pelo mesmo verbo como duas

realidades análogas e que pertencem exclusivamente a Deus, sugerindo a existência de um paralelo entre a criação e a santificação.

A narrativa de Genesis 1 sobre a criação do mundo revela, deste modo, o desenrolar do processo de santificação do homem. Ambas estas realidades se iniciam quando, no primeiro dia, em meio ao caos, Deus diz:

"Faça-se a luz, e a luz se fêz".

Este é, de fato, o primeiro efeito do Espírito Santo sobre a alma humana quando Deus pretende regenerá-la pela graça. A luz do primeiro dia de que fala Gênesis 1 não é a luz do Sol, da Lua ou das estrelas, os luminares que só são ditos terem sido criados no quarto dia. O processo de criação, ademais, só termina no sexto dia, quando o homem é criado à imagem e semelhança de Deus. Assim também, na restauração do homem pela graça, só quando os homens se tornam santos como São Francisco de Assis, Santo Tomás de Aquino, São João Bosco e outros exemplos conhecidos, é que podem ser ditos em seu sentido mais perfeito imagem e semelhança de Deus.





9. Extratos do Sermão nº 61 de Hugo de S. Vitor, sobre a narrativa da criação em seis dias.

**" 'No
princípio
Deus
criou
o céu e
a terra'.**

**Gen.
1,
1**

**O céu
é o
espírito,
a terra
o
corpo",**

diz Hugo de S. Vitor.

**"O mundo em
sua primeira
confusão é o
homem em
sua
iniquidade.
Assim como o
mundo
primordial,
ainda
confuso, não
possuía luz
nem ordem,**

**assim o
homem
submetido à
iniquidade
não possui luz
pelo
conhecimento
da verdade
nem ordem
pela
disposição da
eqüidade.**

**Deus cria a
luz primária
em meio à
confusão
quando
ilumina com
os raios de
uma luz íntima
o pecador
imerso no
caos pelas
suas diversas
loucuras, para
que ele saiba
o que ele é e o
que deveria
ser, e se
disponha a si
mesmo
segundo a
norma do reto
viver. A luz
primária,
portanto,
significa o
conhecimento
do pecado.**

**No quarto dia
a criação dos**

**luzeiros do
céu significa a
perfeita visão
da verdade,
removida a
nebulosa
cegueira da
ignorância.**

**No último dia,
todas estas
coisas
criadas, o
homem é feito
à imagem e
semelhança
de Deus,
quando
aquele que
antes havia
sido deforme
e
dessemelhante
pela culpa se
torna
conforme e
semelhante a
Deus pela
santidade. O
homem assim
formado é
colocado no
paraíso das
delícias
quando o
pecador
regenerado no
mundo pela
graça é
sublimado ao
céu pela
glória.**

***Eis, meus
irmãos, um
outro mundo.***

***Vejamos,
pois, se em
nós existe
esta luz
primária, se
existem os
luminares do
quarto dia
pelo
conhecimento
da verdade,
se em nós a
dignidade
humana foi
restaurada
pela
santidade,
assim como
havia sido
deformada
pela culpa, e
se, (assim
como Deus o
viu no término
dos seis dias),
todas as
coisas que
fizemos foram
imensamente
boas".***





10. Consideração sobre Metafísica.

A inteligência é, pois, esta faculdade ou capacidade de apreender a verdade.

A origem da certeza desta afirmação é o enquadramento da atividade inteligente no contexto da Metafísica, entendida no sentido aristotélico tomista. A pura introspecção psicológica tende mais propriamente a conduzir à consideração de que a inteligência é a capacidade de apreender conceitos ou idéias abstratas. Enquadrada, porém, no contexto mais amplo da metafísica, ressalta mais claramente que o atributo próprio da inteligência é a capacidade de apreensão da verdade, a capacidade abstrativa sendo apenas um corolário.





11. Atitude comum das pessoas.

Na prática corrente a maioria dos homens não apenas não se utiliza da inteligência no sentido aqui exposto, como inclusive duvida da possibilidade de fazê-lo.

São expressões comuns:

**"A
verdade?
O que é a
verdade?"**

Esta afirmação é de Pôncio Pilatos, ao ouvir Jesus mencionar alguma coisa ininteligível a respeito do assunto verdade. A maioria dos homens são uma multidão de Pôncios Pilatos.

Esta também é uma expressão comum:

**"A
Verdade?
Que
verdade?
A
verdade
é um
conceito
relativo.
O que é
verdade
para
você
pode
não ser
verdade
para
mim".**

São expressões típicas de todos aqueles que não experimentaram o sabor da realidade a que se referem. Para estes, a verdade é algo subjetivo.

Deve-se dizer, entretanto, que a verdade é objetiva, e trata-se de uma participação daquela que é a maior de todas as verdades, a suprema verdade, aquela pela qual Deus vê a si mesmo e vê que ele é necessariamente. Todas as demais verdades são participações desta. Deus é, justamente, este lampejo que em nós é a verdade, feito pessoa, aumentado infinitamente. Não certamente o enunciado desta verdade, mas a evidência dela. Desta maneira, nós que são capazes de apreender a verdade participada, ela não pode ser subjetiva. Trata-se de uma participação da fonte de onde se origina o cosmos.





III. A LIBERDADE DA VERDADE.

1. *Encontro entre Sócrates e um estudioso das fisionomias.*

Certo dia surgiu em Atenas um homem que dizia possuir os conhecimentos necessários para descrever o caráter de um homem apenas pela observação de sua fisionomia. Levaram este homem até Sócrates, que estava dialogando, como de costume, com vários outros. Fêz-se silêncio entre todos, para que estudioso examinasse os traços da fisionomia de Sócrates. Terminado o exame, o fisionomista declarou:

*"Eis aqui
um
homem
estúpido,
orgulhoso
e incapaz
de
controlar
seus
instintos
sexuais".*

A afirmação, tão abrupta, fêz cair a todos na gargalhada, tal a diferença entre este julgamento e a realidade.

Mas houve alguém que não riu, e este foi o próprio Sócrates. Ao contrário, pareceu como que apanhado em flagrante e, para não maior surpresa dos presentes, dirigiu-lhes estas palavras:

**"Não!
Ele está
certo.
Este
homem
está certo!
São
justamente
estas as
inclinações
que eu
vejo
existirem
em mim,
e que
tenho
lutado
para
dominá-
las".**





2. Notas e observações.

O exemplo mostra que a intimidade de Sócrates com a apreensão da verdade era tamanha que sua conduta e sua psicologia tinham se emancipado de fatores genéticos e fisiológicos. Sócrates era, neste sentido, um homem livre. O fato de que o estudioso das fisionomias tivesse a fama de sempre haver acertado suas previsões sobre o padrão de comportamento das pessoas mostra o quanto a humanidade em geral vive presa aos seus impulsos biológicos básicos.





3. Conseqüências.

Primeira: a vida deve concordar com a apreensão da inteligência, caso contrário o próprio progresso no conhecimento da verdade se paralisa em um patamar. Por isso é que a educação da inteligência, na filosofia perene, não é possível sem a educação concomitante das virtudes.

Segunda: por outro lado, se há verdadeiro progresso da inteligência, mais ainda naquela região da vida da inteligência onde não é possível fazer progresso sem o auxílio da graça e dos dons do Espírito Santo, deve haver necessariamente reflexos disto na vida das virtudes. Se isto não se verifica provavelmente o que deve estar ocorrendo não é um aprofundamento na evidência da verdade, mas um crescimento na erudição dos enunciados da verdade.





4. O Evangelho de São João.

No Evangelho de São João Jesus promete a liberdade através do conhecimento da verdade:

***"Se
permanecerdes
nas minhas
palavras",***

diz Jesus,

***"sereis
verdadeiramente
meus
discípulos;
conhecereis a
verdade
e a verdade vos
tornará livres".***

**Jo.
8,
31**





5. Isaías capítulo 50.

Isaías faz uma profecia a respeito do Messias que haveria de vir, dizendo que ele teria uma língua erudita para ensinar porque todas as manhãs ouviria o Senhor como a um mestre:

**"O Senhor
deu-me
uma
língua
erudita,
para eu
saber
sustentar
com a
palavra
o que está
cansado.
Ele me
chama
pela
manhã,
pela
manhã
chama aos
meus
ouvidos
para que
eu o ouça
como a
um
mestre.
O Senhor
Deus
abriu-me o
ouvido,
e eu não o
contradigo;
não me
retirei para
trás".**

Is.
50,
4-
5

Esta atitude é a mesma que o Evangelho de Lucas atribui a Maria, irmã de Marta, que sentada aos pés de Jesus, ouvia-lhe as suas palavras (Luc. 10, 38-42). Ao elogiar Maria dizendo que ela havia escolhido a melhor parte, Jesus reconhece e elogia em Maria aquilo que o profeta Isaías já havia visto realizar-se no próprio Jesus.





6. Isaías, capítulo 55.

A mesma coisa que Isaías descreve no capítulo 50 como havendo de realizar-se no Messias que haveria de vir, cinco capítulos mais adiante o profeta convida todos os homens a que o experimentem por si mesmos. Ele compara o efeito da palavra de Deus sobre os homens com a água da chuva: ela não volta para o céu, diz Isaías, sem ter feito germinar a terra para a qual foi mandada. Mas deve-se entender que a palavra de Deus somente produz este efeito quando não é apenas ouvida ou lida, nem sequer quando é ouvida com atenção, mas quando o Espírito Santo, juntamente com a palavra enunciada, lhe confere a luz de uma certa evidência de que fala o primeiro capítulo de Gênesis. Então ela age de modo a não voltar ao céu enquanto não produzir o seu efeito. E é da palavra de Deus assim entendida, que vem juntamente com os dons do Espírito Santo de entendimento e sabedoria, que Jesus, tal como na profecia de Isaías 50, dizia que "não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus" (Mat. 4, 4):

***"Todos
vós os
que
tendes
sede",***

diz o Senhor por meio de Isaías,

***"vinde às
águas;
e os que não
tendes
dinheiro,
apressai-vos,
comprai e
comei;
vinde,
comprai sem
dinheiro
e sem***

**nenhuma
troca,
vinho e leite.**

**Por que
motivo
empregais o
dinheiro
em coisas que
não são
alimento,
e o vosso
trabalho no
que
não pode
saciar-vos?**

**Ouvi-me com
atenção,
e comi do
bom alimento,
e a vossa
alma se
deleitará
com manjares
substanciosos.
Inclinai o
vosso ouvido
e vinde a mim;
ouvi, e a
vossa alma
viverá,
e farei
convosco um
pacto eterno,
concedendo-
vos as
misericórdias
que prometi a
Davi.
Porque assim
como desce
do céu**

***a chuva e a
neve,
e não voltam
mais para lá,
mas embebem
a terra,
e fecundam-
na e fazem-na
germinar,
a fim de que
dê semente ao
que semeia
e pão ao que
come,
assim será a
minha palavra
que sair da
minha boca,
diz o Senhor;
não tornará
para mim
vazia,
mas fará tudo
o que eu
quero,
e produzirá os
efeitos para
os quais a
enviei".***

**Is .
55 ,
1 -
3 ,
10 -
11**

continua...

